

ZÉ COCO DO RIACHÃO

o verdadeiro vôo das garças

Quem conhece Zé Coco do Riachão? Pesquisado por estudantes e musicólogos de todo o mundo, ficou conhecido também como “Beethoven do Sertão”.

José Barbosa dos Santos, homem de origem simples e humilde, músico e compositor autodidata, nasceu em 1912, na nascente do Riachão. Sempre aquele mesmo Riachão, que passava atrás da casa do amigo Barrinha, o violeiro que fabricava seu próprio instrumento, o qual conferiu-lhe o nome de guerra, muitos causos e momentos de inspiração. Sua paixão pelo Riachão lhe perseguia por todo canto. Chegava a viajar duas horas, “no lombo do cavalo”, para matar a saudade. Ficava por lá uma semana inteira, compondo e cantando. Todos os anos, cumpria a missão que Deus lhe designou: voltava para o Riachão para alegrar as Folias de Reis e as festas juninas, passando com sua sanfona, de casa em casa, pela noite adentro.

Desde os oito anos de idade, não se desgrudava

dos instrumentos musicais; das violas às rabecas. Nunca frequentou escola. Suas melodias em nada se parecem com as simples modas de viola. Bom gosto inigualável, grande refinamento, escrita beirando o erudito - apesar de serem sempre muito dançantes e populares como lundus, guaianos, folias e modas. Tal erudição “popular” permitiu que suas canções recebessem arranjos de complexidade tamanha, inclusive, música incidental - quando o maestro Flávio Augusto trabalhou para o espetáculo Vôo das Garças, dos bailarinos Jacqueline Pereira e Igor Xavier.

Toda a essência, totalmente despida de falsetes, serviu de inspiração para muitos feitos, como o próprio Vôo das Garças. Um espetáculo de dança contemporânea com obras musicais do célebre compositor. Trata do movimento visceral de sua vida, marcada pela alegria, pela religiosidade, pelas folias e pelas raízes de Zé Coco - do início ao fim. Ouvindo Zé Coco, Jaqueline e Igor tiveram a primeira imagem: “Estamos falando de se ter fé e religiosidade, passando a acreditar desde já, que se



pode ter um ponto de partida ou um ponto de apoio, a própria necessidade de ser um indivíduo em constante transformação em relação ao significado mais amplo da vida; eu estou aqui, tenho os meus olhos para ver, minha boca para comer, falar, cantar, sorrir; meu nariz para respirar e sentir cheiros, meus ouvidos para ouvir, perceber, meus pés para me sus-

tentar, minhas mãos para dar bom-dia e fazer carinho, meus braços para elevar minhas mãos aos céus e agradecer, meu cérebro para pensar, criar e aceitar o meu espírito cheio de alegria e de luz que dá vida ao meu corpo e o torna tão cheio de graça, a ponto de querer dançar com o vento, com o sol; as tempestades, as folias de Santos Reis e a música de seu Zé Coco, que tem o sangue norte mineiro, com cheiro da riqueza natural do cerrado e uma fé que dá vontade a qualquer um de acreditar em tudo de diverso que é a vida;

um que o dom dado por Deus tem a oferecer. Uma oferta que, de tão generosa, se espalha no universo em tantas várias cores, signos, formas, jeitos e linguagens, que tanta riqueza assim, só sendo muito calmo, para aproveitar pelo menos um tiquinho de cada uma e torná-la para si o mais visível e claro, que possa compreender o ser humano, tão único e



peculiar que, na sua plenitude, reflete, em compreensão, o presente doado pelo universo. Compreensão essa, única e, por isso mesmo, fica face a um todo coletivo, formado por unidades essenciais”.

A peça mostra o despertar do matuto, o preparo para a folia, a procura do par para a dan-

ça, o desempenho das atividades corriqueiras do dia-a-dia. O desejo de seduzir e ser seduzido, o convite ao amor, à vida, às coisas pequenas, às dádivas de Deus e à comunhão com a natureza: a memória do Riachão e suas histórias. As cenas e seus movimentos tentam configurar a aproximação do cotidiano de maneira implícita e, ao mesmo tempo, intimista. Todas as sensações de um dia de folia, o ápice de sua euforia e plenitude, que só conhece quem já viveu. Um estado

de espírito único, típico de quem veio desnuado de preconceitos e contragolpes da vida.

O cotidiano moderno nos empurra, a todo tempo, com a verve capitalista e poluidora, a deixar passar, desperceber a importância do que já temos desde quando nascemos: a nós mesmos e a natureza.

